



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

1570 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 13 - Educação Fundamental

AS RE-EXISTÊNCIAS DOCENTES FRENTE AO CURRÍCULO ESCOLAR

Vanessa M Teixeira Silva - FACULDADE DE EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Adriana Varani - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Resumo

O presente trabalho objetiva estudar as relações e implicações entre as compreensões de currículo de uma professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental e sua prática pedagógica cotidiana. Foi realizado um estudo de caso da prática pedagógica de uma professora da rede municipal da cidade de Campinas/SP, sob a ótica do trabalho colaborativo, onde, nós enquanto professoras/pesquisadoras, acompanhamos o seu exercício docente registrando o seu trabalho, estabelecendo trocas pela disponibilização dos registros, pelas constantes conversas e pela colaboração na organização de suas aulas. Para tanto, estudamos Certeau (1998), Heller (1992), Ezpeleta; Rockwell (1989), Ferraço(2008), Macedo *et al*(2002), Barros (2008), entre outros, para discutir cotidiano e currículo. No campo da constituição de professor pesquisador e pesquisa colaborativa estudamos Geraldi (1998), dentre outros. Constatou-se clareza política da professora sobre seu fazer docente sendo esta mobilizadora da proposta de currículo oficial mediante suas intervenções diretas e operacionalização desta no cotidiano escolar. Sendo portanto, uma reconfiguradora de currículo escolar e não apenas uma reprodutora deste. Foi financiada pela CAPES.

Palavras chave: Currículo; Práticas educativas; Cotidiano escolar.

AS RE-EXISTÊNCIAS DOCENTES FRENTE AO CURRÍCULO ESCOLAR

Resumo

O presente trabalho objetiva estudar as relações e implicações entre as compreensões de currículo de uma professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental e sua prática pedagógica cotidiana. Foi realizado um estudo de caso da prática pedagógica de uma professora da rede municipal da cidade de Campinas/SP, sob a ótica do trabalho colaborativo, onde, nós enquanto professoras/pesquisadoras, acompanhamos o seu exercício docente registrando o seu trabalho, estabelecendo trocas pela disponibilização dos registros, pelas constantes conversas e pela colaboração na organização de suas aulas. Para tanto, estudamos Certeau (1998), Heller (1992), Ezpeleta; Rockwell (1989), Ferraço(2008), Macedo *et al*(2002), Barros (2008), entre outros, para discutir cotidiano e currículo. No campo da constituição de professor pesquisador e pesquisa colaborativa estudamos Geraldi (1998), dentre outros. Constatou-se clareza política da professora sobre seu fazer docente sendo esta mobilizadora da proposta de currículo oficial mediante suas intervenções diretas e operacionalização desta no cotidiano escolar. Sendo portanto, uma reconfiguradora de currículo escolar e não apenas uma reprodutora deste. Foi financiada pela CAPES.

Palavras chave: Currículo; Práticas educativas; Cotidiano escolar.

Enquanto professores e professoras frente a uma sociedade marcada historicamente pelas injustiças sociais e econômicas somos desafiados e desafiadas cotidianamente a desenvolvermos práticas educativas que assegurem uma formação humana justa e igualitária das crianças e jovens que adentram as salas de aula das escolas públicas onde trabalhamos (ARROYO, 2016). Tal realidade ocorre atualmente a contramão de um contexto social de políticas e

reformas educativas que tendem cada vez mais a burocratizar e sobrecarregar nosso trabalho (RAVITCH, 2011;) (FREITAS, 2016). É neste panorama, que surge a importância de valorizarmos a nossa cultura profissional e pessoal enquanto também determinantes do nosso fazer (NÓVOA, 1992), e defendermos nossa capacidade ética e competente enquanto educadores (RIOS, 2004).

Uma professora/pesquisadora do currículo no cotidiano escolar em formação...

Tal pesquisa se desenvolve em especial pela experiência vivida por uma das pesquisadoras. Filha de agricultores simples e humildes e nascida no interior do sertão cearense, sempre tendo estudado em escolas públicas vivenciando nelas grandes realizações e aos mesmo tempo frustrações frente as experiências curriculares, dentre elas a escola normatizadora, de práticas disciplinadoras e conhecimentos sem vínculo com a vida. Neste sentido, vamos tentando compreender o currículo escolar em seu movimento de resignificação dentro das relações que se estabelecem a partir das redes de conhecimentos tecidas pelos professores e professoras junto com seus alunos e demais sujeitos que compõem a escola ao vivenciarem as dinâmicas educativas que nelas se desenrolam cotidianamente (FERRAÇO, 2008).

No ano de 2016 iniciamos o projeto de pesquisa sobre o fazer docente de uma professora dos primeiros anos do Ensino Fundamental I da rede municipal de Campinas. Sendo esta profissional uma mediadora entre o currículo estabelecido e a realidade contextual de seus alunos. Realizamos um estudo de caso, compreendido como o estudo que focaliza “um fenômeno particular, levando em conta seu contexto e suas múltiplas dimensões. Valoriza--se o aspecto unitário, mas ressalta-se a necessidade da análise situada e em profundidade” (ANDRE, 2013), tentando estabelecer também, com essa professora uma parceria ao termos como princípio a abordagem colaborativa de pesquisa.

Como pesquisadoras, acompanhamos o trabalho, dialogamos sobre o mesmo, interferimos no processo e também fomos transformadas tanto na constituição da pesquisadora como da professora em formação que somos. Tivemos acesso ao trabalho da professora a partir do acompanhamento de sua prática pedagógica durante uma vez por semana ao longo de um ano. Nestes momentos, para além de realizar observação do trabalho, houve implicação nas aulas, pela organização do trabalho pedagógico, registros elaborados e disponibilizados para a professora, bem como de conversas diversas no sentido de construir um olhar sobre o trabalho realizado que nos respondesse ao questionamento de pesquisa, e que também pudesse se constituir como um olhar externo para a professora. Vale também lembrar que tentamos olhar para a experiência em sua positividade e não em sua negatividade como alerta Ezpeleta e Rockwel (1989). Olhar para a sua positividade significa entender que o que ocorre ali não é mera reprodução social, mas também produção de cultura, de formas de resistir, de redimensionar as grandes determinações sociais.

Como dados da pesquisa, tivemos os registros narrativas de todas as aulas vivenciadas; entrevista semi-estruturada realizada com a professora; documentos das propostas curriculares oficiais da rede municipal de ensino; conversas informais realizadas na escola; registro do momento de planejamento do corpo docente; troca de mensagens eletrônicas com a professora. Este material compõe o inventário de pesquisa conforme Prado e Moraes (2011), nomeiam. A pesquisa foi registrada no CEP sob o número: 58565516.20000.5404 e financiada pela CAPES.

Das cobranças externas a escola às pré-existências do currículo

No cotidiano da sala de aula junto a esta professora foi perceptível a pressão que sentimos enquanto professores e professoras ao delineararmos essas nossas reconfigurações de currículo dentro de um contexto escolar que ainda, conforme Barros (2008), é embasado por uma estrutura rígida, hierárquica e burocratizada que não responde as especificidades dos currículos reais que promovemos. Neste sentido, eram frequentes a correria contra os horários fixos da grade de disciplinas estipuladas para o dia de aula. A angústia que a professora sentia para dar conta das pilhas de diários de classe que precisava preencher diariamente nos intervalos entre suas aulas e as aulas dos professores especialistas. A pressão para que a mesma estivesse em dia com a aplicação das provas e correções dos exercícios. Isso tudo ao mesmo tempo, que ela tentava ouvir e considerar os questionamentos trazidos pelas crianças para compor o seu planejamento e redirecionamento das aulas. Situação representada pela sua frase: “*Vivemos correndo contra o tempo!*” (Conversas informais em sala de aula Agosto à Dezembro de 2016).

Nessa correria contra o tempo no cotidiano escolar onde tudo conforme Ferraço (2008), acontecia “[...] ao mesmo tempo e com todos” (p.39), entendia por que, enquanto professores e professoras nas situações em aula, ao lidarmos diretamente com as exigências oriundas do currículo prescrito e as necessidades imediatas ao nosso fazer em sala de aula, criamos possibilidades educativas em um movimento de tensão entre práticas que regulam e práticas que são potentes para a emancipação na formação dos alunos. Ou, práticas que re-existem o currículo. Aqui introduzimos o conceito de re-existência numa “conotação de movimento que sujeitos tomam para si o controle de suas vidas, mesmo que localizadas na micro estrutura” (VARANI, 2005), e em relação ao trabalho com o currículo a despeito da regulação, do prescrito, os professores e professoras vão tomando para si a autoria de seu trabalho e vão gerindo seus jeitos de trabalhar sobre este (BARROS, 2008).

Esse movimento de tensão era frequente na realidade estudada, como no caso a seguir em que a professora se depara com uma situação inesperada que desconfigura o seu planejamento diário. Situação em que, em razão das condições precárias de atuação como docente, não havendo substituição de professores que precisam se ausentar do seu posto ela vai redirecionando essa aula mediante as inquietações de seus alunos e conseqüentemente potencializando as possibilidades de aprendizagens destes frente ao currículo:

Chego na sala de aula e a professora rapidamente se direciona a mim. Esta já me avisa que irá refazer o seu

planejamento pois faltou um dos professores. Na lousa, já tem um pequeno texto informativo escrito pelo coletivo sobre passeio do dia anterior ao planetário. A professora pede que as crianças desenhem um objeto ou fato que chamou mais atenção das crianças nesta visitação ao planetário. Em meio a aula, após as crianças que iam terminando suas produções (onde saiam lindos satélites, planetas terras, luas, estrelas e tantas outras referências ao espaço), a professora lança um desafio: **Vamos fazer uma votação a respeito dos desenhos que melhor representam nossa experiência ao visitarmos o planetário e o que lá aprendemos?** Após essa fala da professora alguns caminhos não tão planejados e esperados acabaram sendo visitados... P Pergunta: **Mas quais são os critérios professora? O mais bonito?** A professora rebate com outra colocação: **Não sei, o que a maioria da turma decidir pode ser? O que acham de irem levantando o braço e falando o critério desejado por cada um.** A professora continua: **O mais colorido? O mais visível? O mais parecido com o que vimos?** E após toda as movimentações de sobem e descem de braços ficou decidido pela turma seria o mais bonito. Porém, também ficou decidido que todos fariam parte do mural a ser confeccionado. Pelo mesmo critério e votação dos braços a votação do desenho mais bonito foi finalizada, ou quase, por que houve até segundo turno. A discussão então, apenas se iniciava. **“Por que votar desse jeito?”** A professora explica vários assuntos como: Democracia, sistemas políticos, modelos de eleições, quando de repente, uma outra colocação reorienta a discussão para o contexto do momento. **“Eu quero Impeachemam!” “Isso! Temos o direito de Impeachemam!”** A professora discretamente olha para mim neste momento, mas não demora muito a dar uma resposta as crianças, e logo começa a discutir com elas quais os fundamentos do processo de Impeachemam. Quando pode, quando não pode, quais os critérios que o embasam e quais os seus possíveis resultados em um determinado cenário político. Um grupo de crianças vai para a sala de informática e pesquisa como se escreve a palavra Impeachemam e volta para a sala de aula explicando para os colegas a origem desse termo. (Diário de Campo da pesquisadora, Agosto à Dezembro de 2016)

Como visto, a professora no espontâneo e imprevisível do seu fazer docente cotidiano (EZPELETA; ROCKWELL, 1989), precisou refletir sobre os melhores caminhos de se promover outras possibilidades educativas para dar continuidade a atividade sem desconsiderar as inquietações das crianças. A mesma, em seu exercício docente precisou criar o que Macedo *et al* (2002), chama de *alternativas curriculares* frente ao entusiasmo dos seus alunos com relação as notícias sobre o cenário político vivenciado no momento em que essa aula acontecia.

Vale a pena lembrar que situações de redirecionamentos de aula como esta eram frequentes na prática da professora e que a mesma ainda criava diversas outras formas de mobilizar o currículo. Dentre estas, firmar parcerias com outros colegas de trabalho para desenvolver projetos diferenciados que extrapolavam muito além que os 45 minutos de aula e os conteúdos para essas aulas. Mobilizar a turma para constantemente movimentar o mobiliário da sala de aula e se auto organizarem para executarem atividades pensadas em coletivo e que não se enquadravam no tempo de aula prescrito ou no espaço físico da sala.

Essas *performances, negociações e traduções* das prescrições curriculares (FERRAÇO, 2008), eram constantes e se desenrolavam mediante o anedótico e espontâneo (HELLER, 1992), dos acontecimentos vividos na e para além da escola. O que reafirma nosso posicionamento inicial de que tal professora, conforme Acosta (2013), é realmente uma mediadora entre o currículo prescrito a ser estudado e a realidade contextual de seus estudantes.

Em sua entrevista, a professora afirma que

A construção do currículo é em sala de aula, como você vem vendo ela é em cima da vivencia em sala de aula né? Por que as vezes, acontece de você, eu faço planejamento semanal e as vezes eu não consigo, eu não consigo fazer metade daquilo que eu tinha planejado para a semana né? Por que você está fazendo uma atividade, você percebe uma dificuldade maior dos alunos naquele conteúdo e aí você tinha planejado de passar uma outra coisa de ir para um outro conteúdo, mas você acha melhor que não naquele momento, você tem que continuar naquela atividade por que, ou por que ela deu muito fruto, ou por que você acha que as crianças estão com muitas dificuldades nela. Então o planejamento, ao mesmo tempo que você fez ele, ele se muda automaticamente e a gente vai fazendo uma rotação daquele planejamento da semana, fazendo readaptações nele dentro daquilo que acontece na situação de aula. (Entrevista aplicada, novembro de 2016).

Ela reconhece o movimento do currículo e como pode ser mobilizadora do mesmo. Reconhecendo também, que este movimento está muito diretamente ligado à relação estabelecida com a criança. Lembramos Geraldí (2004), e sua proposta de tomar a aula como acontecimento. Na relação do professor com aluno, mediados por uma herança cultural, sem desconsiderar contextos políticos, sociais, econômicos, é que ocorre a aula, é que ocorre a aprendizagem. Reconhecer a interferência da herança cultural na relação, é também reconhecer que o currículo tem mobilidade. Ele é sempre currículo em ação (GERALDI, 1994).

O professor como um intelectual do seu fazer

Essas situações em que a professora em seu exercício docente não foge da postura política que precisa ter como educadora que é (RIOS, 2004), e re-existe o currículo na relação com o que é prescrito e vivenciado na escola e as vezes para além dela, ocorre na medida que a mesma reflete sobre a sua compreensão dos melhores caminhos a se seguir a partir de uma proposta político pedagógica que assumi. E assumida quando de momentos do que podemos chamar do inusitado e imprevisível da vida cotidiana. Ponderamos aqui que é um pensar e agir a partir de princípios de uma escola pública, pautada pela necessária inclusão, pelo compromisso com o acesso ao conhecimento pelos alunos, pelo reconhecimento do outro na constituição do trabalho pedagógico. O que demonstra que a mesma possui clareza política refletindo constantemente sobre seu fazer. Clareza política também demonstrada, quando esta expõe seu posicionamento perante qualquer iniciativa externa que possivelmente pudesse cercear essa sua autonomia docente. Dentre estas, o projeto “escola sem partido” discutido com grande repercussão na época “já falei na reunião de pais se

esse projeto for aprovado vou ser expulsa da escola!" (Conversas informais em sala de aula Agosto à Dezembro de 2016).

Autonomia a qual, a mesma sabe bem possuir frente a proposta de currículo que orienta sua prática: *A gente tem toda essa liberdade mesmo de ampliar os conteúdos que vieram no currículo e no plano municipal como base. A gente teve toda a autonomia e liberdade para ampliar para além daquele currículo que veio pronto* (Entrevista aplicada, novembro de 2016). E que também, lhe é assegurada no próprio Quadro de Suporte Pedagógico que fundamenta essa proposta de currículo que desenvolve

O conhecimento que o professor tem sobre o seu fazer, seu empenho em aperfeiçoar-se, sua criatividade e atitude de pesquisas não podem jamais ser substituídas pelas sugestões apresentadas nos quadros. Portanto, estes só terão vida quando forem visitados e revisitados pelo mediador da prática pedagógica: o professor em situação de planejamento de suas aulas e do seu plano de ensino, mantendo seu espírito de investigação permanente, no desafio de mediar o desejo e a necessidade de aprender de seu aluno (Quadro de suporte pedagógico das diretrizes curriculares do Ensino Fundamental: Subsídios a prática educativa. Equipe de sistematização. Acessória de Currículo. Secretária de educação de Caminas, SP, 2013, p.11).

Como visto, para além de executarmos currículo. Enquanto professores e professoras criamos currículo no cotidiano escolar. O re-existimos no anedótico, espontâneo, no corriqueiro dessa escola pública (EZPELETA; ROCKWELL, 1989). Escola pública, que não apenas reproduz, mas que a partir das ações potentes de seus educadores ao trabalharem em suas salas de aula não como tias ou tios, mas como profissionais da educação (FREIRE, 1997), desenvolvem táticas e estratégias sorrateiras e silenciosas enquanto trabalham (CERTEAU, 1994), frente a esse currículo o potencializando.

Referências

ANDRÉ, Marlí. **O que é um estudo de caso qualitativo em educação?** Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade, Salvador, v.22, n.40, p. 95-103, jul. /dez. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/753/526> Acesso em 04/06/2016.

ARROYO, Gonzalez Miguel. Mesa redonda: Dimensões da formação humana como referência para os processos avaliativos. Evento: **Avaliação da escola pública sob o viés da qualidade social** Grupo LOED - Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, 2016.

ACOSTA, Javier Marrero. O currículo interpretado: o que as escolas, os professores e as professoras ensinam? In. SACRISTÁN, J. Gimeno (Org.) **saberes e incertezas sobre o currículo**. Tradução: Alexandre Salvaterra; Revisão técnica: Miguel Arroyo. Penso, Porto Alegre, 2013.

BARROS, Maria Elizabeth Barros de. Formação de professores/as e os desafios para a (re) invenção da escola. In. FERRAÇO, Carlos Eduardo (Org.). **Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo** 2º ed. São Paulo, Cortez, 2008.

CERTEAU, Michel de. **Artes de fazer: A invenção do cotidiano**. 3º ed. Editora Vozes. Petrópolis 1998.

EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. A escola: relato de um projeto inacabado de construção In. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1989.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: Cartas a quem ousa ensinar. Olho d'água, 1997. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_professora_sim_tia_ao.pdf Acesso em 19/11/2016

FREITAS, Luiz Carlos. [BNCC: uma base para o gerencialismo-populista](https://avaliacaoeducacional.com/2017/04/07/bncc-uma-base-para-o-gerencialismo-populista/) In. Blog do Freitas. Disponível em: <https://avaliacaoeducacional.com/2017/04/07/bncc-uma-base-para-o-gerencialismo-populista/> Acesso em: 14/04/2016.

FERRAÇO, Carlos Eduardo (Org.). **Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo** 2º ed. São Paulo, Cortez, 2008.

GERALDI, Corinta Maria Grisólia. **Currículo em ação**: buscando a compreensão do cotidiano da escola básica. Proposições. Vol. N°3[15] * Novembro de 1994. Disponível em http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/textos/15_artigo_geraldicmg.pdf

Acesso em 26/01/2017.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. Universidade de Aveiro. Campos Universitário Santiago. Aveiro Portugal. Tipave. Maio de 2004.

GERALDI, Maria Grisólia Corinta. DARIO, Fiorentini. PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. (Org.). **Cartografias do trabalho docente**: Professor (a)-Pesquisador(a). Campinas/SP. Mercado de letras. 1998.

MACEDO, Elizabeth. OLIVEIRA, Inês Barbosa de. MANHÃES Luiz Carlos. ALVES, Nilda. (Org.) **Criar currículo no**

cotidiano. Cortez, São Paulo, 2002.

NÓVOA, António. **Vidas de professores Porto** Portugal. Porto, 1992.

PRADO, do Val Toledo. MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos. **Inventário** – Organizando os achados de uma pesquisa. *EntreVer*, Florianópolis, v. 01, n.01, p. 137-154,2011. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/EntreVer/article/viewFile/1205/1448>. Acesso em:25/06/2017.

RIOS, Terezinha Azeredo. **Ética e competência.** -14. ed. – São Paulo, Cortez, 2004.

RAVITCH, Diane. **Vida e morte do grande sistema escolar americano como os testes padronizados e o modelo escolar de mercado ameaçam a Educação.** Tradução Marcelo Duarte. Porto Alegre: Sulina, 2011.

VARANI, Adriana. **Da constituição do trabalho docente coletivo** re-existência docente na descontinuidade das políticas educacionais. Tese de doutorado. Faculdade de Educação/UNICAMP, Campinas/SP, 2005.